

MICHAEL LEWIS



O HOMEM QUE MUDOU O JOGO



MONEYBALL

O homem que mudou o jogo

MICHAEL LEWIS

Tradução de Denise Bottmann
com consultoria técnica de
Vítor Luís Simões Camargo



Copyright© 2004, 2003 by Michael Lewis

TÍTULO ORIGINAL:

Moneyball: The Art of Winning an Unfair Game

PREPARAÇÃO

Paula Diniz

REVISÃO

Anna Beatriz Seilhe

Marcela Oliveira

Rayana Faria

REVISÃO TÉCNICA

Erick Nakano, RJ CARIOCAS Beisebol e Softbol Clube

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CAPA

Design e ilustração de And Partners, NYC

Imagem de Jonathan Daniel / Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L652m

Lewis, Michael (Michael M.)

Moneyball : o homem que mudou o jogo / Michael Lewis ; tradução Denise Bottmann. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

336 p. ; 23 cm.

Tradução de: Moneyball

Inclui índice

ISBN 978-85-8057-734-1

1. Beisebol - Aspectos econômicos - Estados Unidos. 2. Beisebol - Esco-
tismo - Estados Unidos. 3. Jogadores de beisebol - Estados Unidos. I. Título.

15-21910

CDD: 796.357

CDU: 796.357

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Billy Fitzgerald
Até hoje posso ouvi-lo gritando para mim

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>		11
Capítulo um	A MALDIÇÃO DO TALENTO	17
Capítulo dois	COMO DESCOBRIR UM JOGADOR	28
Capítulo três	A REVELAÇÃO	58
Capítulo quatro	ÁREA DE IGNORÂNCIA	80
Capítulo cinco	JEREMY BROWN, O PRATO DA CASA	115
Capítulo seis	A CIÊNCIA DE VENCER NUM JOGO DESIGUAL	137
Capítulo sete	A LACUNA DE GIAMBI	157
Capítulo oito	SCOTT HATTEBERG, SUPERPEGADOR	182
Capítulo nove	A MESA DE OPERAÇÕES	209

Capítulo dez	ANATOMIA DE UM ARREMESSADOR SUBESTIMADO	239
Capítulo onze	O ELEMENTO HUMANO	267
Capítulo doze	A VELOCIDADE DA IDEIA	286
Epílogo	O TEXUGO	304
Posfácio	DENTRO DA GUERRA RELIGIOSA DO BEISEBOL	310
<i>Agradecimentos</i>		325
<i>Índice</i>		327

Pouco tempo atrás, no naufrágio de um navio da Califórnia,
um dos passageiros afivelou a si um cinto que pesava
mais de noventa quilos de ouro, com o qual mais tarde foi
encontrado no fundo do mar. Ora, enquanto afundava, era
ele quem possuía o ouro ou era o ouro que o possuía?

— John Ruskin, *Unto This Last*

PREFÁCIO

ESCREVI ESTE LIVRO porque me apaixonei por uma história. Ela se referia a um pequeno grupo bastante subestimado de jogadores e executivos do beisebol profissional, muitos deles rejeitados pelas grandes ligas, que se transformou numa das franquias de maior sucesso da Major League Baseball (MLB), a principal liga de beisebol profissional americana. Mas a ideia do livro surgiu bem antes de eu ter uma boa razão para escrevê-lo — antes de haver uma história pela qual me apaixonar. Surgiu, na verdade, de uma pergunta bastante singela: como um dos times mais pobres do beisebol, o Oakland Athletics, conseguia tantas vitórias?

Fazia mais de uma década que os dirigentes do beisebol profissional diziam que o esporte estava deixando de ser uma competição atlética para se tornar uma competição financeira. A distância entre ricos e pobres no beisebol era muito maior do que em qualquer outro esporte profissional e aumentava depressa. No início da temporada de 2002, o time mais rico, o New York Yankees, tinha uma folha de pagamento que somava 126 milhões de dólares, enquanto as dos

dois mais pobres, o Oakland Athletics e o Tampa Devil Rays, não chegavam a um terço disso, ficando na faixa dos 40 milhões. Dez anos antes, o time com os maiores salários, o New York Mets, gastara cerca de 44 milhões com os jogadores, e o de valores mais baixos, o Cleveland Indians, desembolsara pouco mais de 8 milhões. Essa enorme disparidade significava que apenas os clubes ricos podiam bancar os melhores atletas. Um time pobre só conseguiria os incapazes e os contundidos e, com quase toda a certeza, sairia derrotado. Pelo menos era o que diziam os dirigentes.

Minha tendência era concordar. Afinal, o pessoal mais endinheirado costuma vencer. Porém, ao observar melhor os acontecimentos dos últimos anos, surgem os questionamentos. Na lanterna de cada divisão figuravam várias equipes — Rangers, Orioles, Dodgers, Mets — que haviam gastado rios de dinheiro e sofrido derrotas espetaculares. No outro extremo estava o Athletics. Por vários anos seguidos, trabalhando com a menor folha salarial do esporte ou algo perto disso, o Oakland Athletics vencera mais jogos de temporada do que qualquer outro time, exceto o Braves de Atlanta. Estiveram nos play-offs por três anos seguidos e nos dois anos anteriores tinham vencido o time mais rico, o Yankees, a poucas jogadas da eliminação. Como conseguiram aquilo? O Yankees, afinal, era o exemplo mais extraordinário do determinismo financeiro. Era o time que entendia a mentalidade de Nova York: não havia vergonha alguma em comprar o sucesso, e, talvez por causa dessa falta de pudor, eles eram os melhores no ramo.

Já em 1999, Allan H. (“Bud”) Selig, o comissário da MLB, começou a dizer que o sucesso do Athletics era “uma aberração”, o que não era propriamente uma explicação e sim uma desculpa para fugir à pergunta: como eles conseguiam? Qual era o segredo deles? Como o segundo time mais pobre do beisebol americano, enfrentando montanhas cada vez maiores de dinheiro, podia ter sequer uma chance remota de sucesso, quanto mais a capacidade de obter o segundo maior número de vitórias nos jogos da temporada regular, num universo de trinta times? Além disso, o que havia nesse sucesso do beisebol capaz de resistir às tentativas de compra de tantos ricos?

Foram esses os questionamentos que despertaram meu interesse e aos quais tento responder neste livro.

A resposta começa por um aspecto evidente: no beisebol profissional, o que mais importa ainda não é tanto o montante de dinheiro que se tem, mas quão bem ele é gasto. Na primeira vez em que entrei na sede do A's (Athletics), o time saía de uma temporada em que haviam gastado 34 milhões de dólares e atingido um total espantoso de 102 vitórias — no ano anterior, em 2000, haviam gastado 26 milhões e ganhado 91 partidas e o campeonato de sua divisão. Um especialista independente em finanças do beisebol de destaque, um advogado de Manhattan chamado Doug Pappas, apontou uma diferença quantificável entre o Athletics e as demais equipes de beisebol. O mínimo que se podia gastar com um time de 25 jogadores seriam 5 milhões de dólares, mais 2 milhões para jogadores na lista de contundidos e o restante dos quarenta nomes do elenco. O enorme papel desempenhado pela sorte em qualquer partida de beisebol, bem como a diferença relativamente pequena entre as habilidades de boa parte dos jogadores da liga principal e as dos novatos que trabalhavam pelo salário mínimo, fazia com que, numa temporada de 162 partidas, o número mínimo de vitórias de um time pagando o piso fosse cerca de 49. A equação de Pappas para calcular o rendimento financeiro era a seguinte: quantos dólares acima do mínimo de 7 milhões cada time paga por cada vitória depois da 49ª? Quantos dólares a mais um clube gasta por cada vitória a mais?

Nos três anos anteriores, o Athletics pagara cerca de 500 mil dólares por vitória. O outro time na faixa dos seis dígitos era o Minnesota Twins, com 675 mil por vitória. As franquias ricas mais pródigas — o Baltimore Orioles ou o Texas Rangers, por exemplo — pagavam quase 3 milhões por vitória, ou mais de seis vezes o que o A's pagava. O Athletics parecia jogar um jogo diferente do restante da liga. Em qualquer ramo normal de atividade, ele há muito tempo teria comprado a maioria dos outros times e construído um império. Mas sua área era o beisebol, então a única coisa que o Athletics podia fazer era cobrir de vergonha as equipes mais ricas e deixar por isso mesmo.

Na base da experiência do A's estava a determinação para repensar o beisebol: como é dirigido, como é jogado, quem é o jogador mais adequado e por quê. Sabendo que nunca teria um orçamento polpudo como o do Yankees, Billy Beane, o gerente geral do Athletics, começou a procurar deficiências no esporte. Em suma, buscara novos conhecimentos em beisebol. Numa verdadeira investigação científica e sistemática do esporte, a direção do Athletics reexaminara tudo, desde o preço de mercado da velocidade individual às diferenças intrínsecas entre o jogador médio da liga principal e o jogador superior da categoria mais elevada das divisões menores, a Triple-A. Foi assim que fizeram verdadeiros achados. Muitos dos jogadores recrutados ou comprados pelo Athletics tinham sido vítimas de um preconceito irracional arraigado nas tradições do beisebol. O departamento de pesquisa e desenvolvimento do time acabou com esse preconceito, permitindo que mostrassem seu verdadeiro valor. E foi precisamente um time de beisebol que ocupou o centro de uma história sobre as possibilidades — e os limites — da razão em assuntos humanos. Foi o beisebol — justo ele — que demonstrou como uma cultura não científica reage, ou deixa de reagir, ao método científico.

Como disse, eu me apaixonei por uma história. Ela diz respeito ao beisebol profissional e a seus jogadores. No centro está um homem cuja vida virou de ponta-cabeça por causa do beisebol profissional e que, como por milagre, encontrou uma forma de retribuir a gentileza. Com o objetivo de saber mais sobre esse homem e a revolução que ele vinha inspirando, passei alguns dias com J.P. Ricciardi, o gerente geral do Toronto Blue Jays. Ricciardi havia trabalhado com Billy Beane no Athletics e agora se divertia desfazendo e reconstruindo sua nova equipe, seguindo as mesmas linhas radicais adotadas no A's. De início, Ricciardi foi ridicularizado, porém, na época em que o conheci, ele já tinha conquistado o respeito até do mais cascudo entre os velhos comentaristas de beisebol. No fim da temporada de 2002, o grande medo no Toronto era que Ricciardi deixasse a equipe para aceitar a proposta de dirigir o Boston Red Sox, que agora dizia também querer reformular sua organização à imagem do Athletics.

Foi durante uma partida do Red Sox que tentei convencer Ricciar-di a falar sobre o que me interessava. Alguns meses antes, ele me dissera — e com alguma insistência — que havia uma distância realmente assombrosa entre Billy Beane e qualquer outro gerente geral do esporte. Ergueu a mão o mais alto possível e abaixou a outra ao máximo, dizendo: “Billy está aqui em cima e todos os outros estão aqui embaixo.” Agora, sentados lado a lado, vendo o Red Sox perder para seu novíssimo Blue Jays, perguntei a ele se vislumbrava a possibilidade de se julgar tão bom nessa estranha atividade de comandar um time de beisebol quanto o homem que deixara em Oakland. Ele apenas riu. Não havia a menor dúvida de que Billy era o melhor. A pergunta era: por quê?

Capítulo um

A MALDIÇÃO DO TALENTO

A quem os deuses querem destruir eles primeiro chamam de promissor.

— Cyril Connolly, *Enemies of Promise*

A PRIMEIRA COISA que eles sempre faziam era mandar correr. Quando os olheiros dos grandes clubes faziam testes em campo com um grupo de amadores de elite com muito potencial, a velocidade era o primeiro item que marcavam em suas listas. Os olheiros sempre estavam com listas. “Ferramentas”: era assim que chamavam os talentos que procuravam nos garotos. Eram cinco as ferramentas: capacidade de correr, de arremessar, de receber a bola, de rebater e de rebater com potência. O cara que corria bem tinha “rodas”; o cara com braço forte tinha uma “mangueira”. Os olheiros usavam o jargão da mecânica automobilística. Ao ouvi-los, tinha-se a impressão de que falavam de carros esportivos e não de rapazes.

Naquele dia de fim da primavera em San Diego, vários times da liga principal estavam avaliando um grupo de jovens promessas. Se havia uma tensão no ar um pouco maior do que o habitual, era porque estavam no ano de 1980. Os riscos de recrutar jogadores de beisebol tinham acabado de aumentar. Alguns anos antes, fora decidido

na justiça que os jogadores de beisebol profissional poderiam atuar como trabalhadores livres ou autônomos e, depois de brevíssima hesitação, os proprietários dos times puseram nos atletas preços que desafiavam as antigas noções do senso comum sobre as faixas de remuneração que caberiam a um jogador. Em quatro anos, o salário médio das grandes ligas quase triplicara, passando de cerca de 52 mil para quase 150 mil dólares ao ano. O novo dono do New York Yankees, George Steinbrenner, pagara 10 milhões de dólares pelo time inteiro em 1973; em 1975, pagou 3,75 milhões pelo primeiro jogador autônomo moderno, Catfish Hunter. Alguns anos antes ninguém se importaria muito se cometesse um erro ao apostar em um atleta. Mas o que antes era um erro de mil dólares rapidamente se transformava num erro de um milhão de dólares.

Mas, voltando, a primeira coisa que os olheiros sempre faziam era mandar correr. Cinco rapazes se alongam e aquecem no gramado do campo externo. Darnell Coles. Cecil Espy. Erik Erickson. Garry Harris. Billy Beane. Na verdade, ainda são garotos — todos tiveram de apresentar uma declaração por escrito das mães autorizando sua presença ali. Fora de suas cidades, ninguém nunca ouviu falar deles, porém, para os olheiros, já são nomes familiares. Todos os cinco são escolhas legítimas de primeira rodada entre os trinta jogadores jovens mais promissores do país. Foram selecionados a partir da maior mina de talentos de beisebol dos Estados Unidos, o sul da Califórnia, e convidados para o campo de beisebol da Herbert Hoover High School, em San Diego, para responder a uma pergunta: quem é o melhor dos melhores?

Enquanto os garotos se espalham, alguns olheiros jogam conversa fora no campo interno. No externo, Pat Gillick, o gerente geral do Blue Jays, está em pé com um cronômetro na mão. Em volta dele estão mais cinco ou seis olheiros, cada qual com seu cronômetro. Um deles mede com sua passada sessenta jardas e marca a linha de chegada com o pé. Os garotos formam fila na linha de foul esquerda do campo. À esquerda deles fica a parede do campo externo de onde Ted Williams, uma das grandes lendas do esporte, costumava lançar

rebatidas duplas quando jogava no time do ensino médio. A Herbert Hoover High School é a *alma mater* de Ted Williams. Isso não significa nada para os garotos. Eles nem prestam atenção ao lugar. Ficam indiferentes. Nos últimos meses, passaram por tantos exames tão minuciosos de tantos olheiros veteranos do esporte que nem pensam em onde ou para quem mostram seu desempenho. Sentem-se mais como carros esportivos dando uma volta do que como rapazes fazendo um teste. Paul Weaver, o olheiro do Padres, está presente. Fica impressionado com a calma dos garotos. Ele está acostumado a ver os meninos entrando em pânico na hora de se apresentarem aos olheiros. Mark McLemore, o mesmo Mark McLemore que no futuro seria defensor externo do Seattle Mariners ganhando 3 milhões de dólares anuais, chegou a vomitar em campo antes de uma das provas de Weaver. Esses meninos não são assim. Já faz tempo que todos eles são muito bons.

Darnell Coles. Cecil Espy. Erik Erickson. Garry Harris. Billy Beane. Um olheiro se vira para o outro e diz: *Aposto nos três garotos negros* [Coles, Harris e Espy]. *Vão destroçar os brancos. E Espy vai acabar com todos eles, inclusive Coles.* Coles é um velocista que já tem uma bolsa de estudos para jogar como *wide receiver* no time de futebol americano da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Espy é tão rápido que os olheiros têm certeza de que nem Coles conseguirá acompanhá-lo.

Gillick abaixa o braço, dando a largada. Cinco atletas natos se erguem e arrancam. Poucos passos adiante, já estão muito velozes. Em sete segundos, a corrida acaba. Em comparação a Billy Beane, todos pareceram lentos. Espy chegou em segundo lugar, três passadas largas atrás dele.

E, por mais claro que pareça o resultado — que ambiguidade pode existir numa corrida de sessenta jardas? —, Gillick fica incomodado. Grita para um dos olheiros, mandando-o percorrer outra vez a pista e conferir se a distância é mesmo de sessenta jardas exatas. Então fala para os cinco garotos voltarem à linha de largada. Eles não entendem bem o motivo: a primeira coisa que os olheiros mandam fazer é correr, mas em geral é uma vez só. Talvez Gillick quei-

ra testar nossa resistência, pensam eles, mas não é essa a intenção dele. A função de Gillick é acreditar no que vê e desacreditar no que não vê, e ele ainda não consegue se convencer e crer no que acabou de presenciar. Para começo de conversa, não acredita que Billy Beane tenha vencido Cecil Espy e Darnell Coles assim de cara. Além de não confiar no tempo marcado em seu cronômetro. Ele mostra 6,4 segundos — dá para esperar isso de um velocista, mas não de um garoto grande como esse.

Sem entender por que lhes pedem para repetir, os garotos voltam à linha de largada e correm outra vez. Não há nenhuma grande mudança. “Billy simplesmente deixou todos comendo poeira”, diz Paul Weaver.

QUANDO JOVEM, BILLY Beane podia vencer qualquer um em qualquer coisa. Tinha uma superioridade tão natural em relação a qualquer adversário que enfrentasse, em qualquer esporte que praticasse, que parecia estar em outro jogo, diferente e mais fácil. No primeiro ano do ensino médio, Billy era o quarterback no time de futebol americano e o cestinha do de basquete. Descobria talentos em si mesmo antes de estar com o físico pronto para explorá-los: fazia enterradas antes que a mão tivesse tamanho suficiente para empalmá-la.

O pai de Billy, que não era atleta, ensinara beisebol ao filho a partir de manuais. Oficial naval de carreira, passava nove meses seguidos no mar. Quando estava em casa, no conjunto residencial da Marinha, fazia questão de ensinar algo ao filho. Ensinou-o a arremessar: era o tipo de coisa que dava para estudar e aprender pelos manuais. Não importava qual fosse a época do ano, ele, com seus livros de beisebol desbeijados, levava o filho aos campos vazios da Liga Infantil. Aquelas sessões não eram apenas entretenimento. O pai de Billy era um perfeccionista. Conduzia os treinos de arremesso com eficiência militar e a intensidade de um treinamento de recrutas.

Mesmo assim, Billy se considerava um sortudo. Sabia que queria jogar bola sempre e que o pai faria isso com ele todos os dias.

Aos catorze anos, Billy era quinze centímetros mais alto do que o pai e já fazia coisas que não constavam nos manuais. Quando estava no primeiro ano do ensino médio, o treinador o escolheu, sob os protestos furiosos dos jogadores mais velhos, para ser o arremessador do time oficial do colégio na última partida da temporada. Ele arremessou o jogo inteiro sem sofrer nenhuma corrida, conseguiu dez eliminações por strikeouts e duas rebatidas em quatro passagens pelo bastão. Aos quinze anos, teve uma porcentagem de rebatidas de mais de ,500 numa das ligas colegiais de beisebol mais acirradas do país. Em seu segundo ano no ensino médio, tinha 1,93 metro de altura, pesava 82 quilos — e continuava crescendo —, e o campo do colégio onde estudava ficava cheio de olheiros da liga principal querendo vê-lo acertar novamente mais da metade das rebatidas. Na primeira grande partida depois de ter atraído a atenção dos olheiros, Billy ce-deu apenas duas rebatidas como arremessador, roubou quatro bases e acertou três rebatidas triplas. Vinte e dois anos depois, suas rebatidas triplas ainda eram o recorde estudantil na Califórnia, mas foi a maneira como ele as conseguira que ficou gravada na memória. Naquele dia, o campo não tinha grades — era apenas uma tundra quente e infinita situada na periferia de San Diego. Após Billy lançar sua primeira rebatida tripla por cima da cabeça dos defensores externos do time adversário, eles começaram a se posicionar mais para trás. Depois que o garoto mandou pela segunda vez uma rebatida tripla por cima da cabeça deles, os defensores recuaram ainda mais, quase até onde ficaria o estacionamento de um estádio profissional. Então Billy rebat-teu por cima deles pela terceira. O público chegou a rir dessa última. Assim eram as coisas com Billy quando praticava algum esporte, mas principalmente o beisebol: se você piscar, pode perder algo que nunca mais terá a chance de ver.

Ele causava forte impressão nos olheiros veteranos que eram pa-gos para imaginar o tipo de jogador profissional que um rapaz poderia vir a ser. Tinha um físico que prometia muito. Reto feito uma vara, esguio, mas não a ponto de se achar que não ganharia corpo. E o rosto! Logo abaixo do punhado de cabelo castanho e rebelde,

o garoto tinha os traços bem marcados que os olheiros adoravam. Alguns deles ainda acreditavam que podiam ler na estrutura facial de um rapaz não só seu caráter, mas também seu futuro no esporte profissional. Costumavam usar uma expressão: “Cara Boa”. Billy tinha uma Cara Boa.

O treinador dele, Sam Blalock, não sabia como lidar com os olheiros. “Eu o escolhi na primeira seletiva”, diz ele, “e quinze ou vinte olheiros apareciam a cada treino. E eu não sabia o que fazer. Nunca joguei beisebol profissional.” Vinte anos depois, Sam Blalock seria escolhido por seus pares como o melhor técnico de beisebol de ensino médio dos Estados Unidos. Suas equipes no Rancho Bernardo High School, em San Diego, renderiam tantas jovens promessas para as grandes ligas que o colégio passou a ser conhecido nos círculos do beisebol como “A Fábrica”. Porém, em 1979, fazia poucos anos que Blalock atuava naquela função e ele ainda alimentava grande reverência pela MLB e seus vários representantes que apareciam nos treinos. Ao que parecia, todos eles, sem exceção, queriam conhecer Billy Beane em pessoa. Chegou a tal ponto que Billy saía direto dos treinos para a casa de algum amigo, a fim de fugir dos telefonemas incessantes em sua casa. Com os olheiros ele era tranquilo. Com seus treinadores era tranquilo. A única pessoa que chegou alguma vez a irritá-lo foi uma professora de inglês que, certo dia, o levou para fora da sala e lhe disse que ele era inteligente demais para viver do seu charme e dos seus dotes atléticos. Para ela, Billy queria ser melhor do que era. Para os olheiros — bom, era uma questão de pegar ou largar.

Hoje, Sam Blalock acha que devia ter chamado os olheiros para um canto e dito que esperassem até serem convidados. Mas, em vez disso, fez tudo o que queriam, e o que eles queriam era que Sam colocasse seu astro para correr e ser avaliado. Pediam para ver Billy correndo. Sam mandava Billy correr para eles. Pediam para ver Billy arremessar, e ele ia até o campo externo e disparava verdadeiros torpedos para Sam na base. Queriam ver Billy rebater, e Sam atirava a bola sem ter ninguém lá, exceto Billy e os olheiros. (“Eu arremessando, Billy rebatendo e vinte olheiros das grandes ligas no

campo externo devolvendo as bolas que voavam”, lembra Blalock.) Toda vez que os olheiros observavam Billy, enxergavam apenas o que queriam ver: um futuro astro da liga principal.

Quanto a Billy, Sam o deixava à vontade. O beisebol, tal como o entendia Blalock, pelo menos no início de sua carreira, era um esporte mais individual do que de equipe, mais uma atividade atlética instintiva do que uma habilidade adquirida. Blalock acreditava que, ao ter sob seu comando um atleta com as habilidades de Billy, um treinador devia simplesmente deixá-lo à vontade. “Eu era jovem e tinha um pouco de medo, e não queria estragá-lo”, conta o técnico. Tempos depois, ele mudou de opinião sobre o beisebol, mas não sobre o talento de Billy. Vinte e dois anos mais tarde, após ter mais de sessenta de seus jogadores e dois de seus sobrinhos recrutados para o beisebol profissional, Blalock disse que ainda estava para ver outro atleta do gabarito de Billy.

Nenhum deles percebeu os sinais. Não notaram, por exemplo, que a média de Billy como rebatedor despencou de mais de ,500 no segundo ano para pouco mais de ,300 no terceiro ano do ensino médio. Era difícil saber a razão. Talvez fosse a pressão dos olheiros. Talvez fosse porque os outros times tivessem encontrado outras maneiras de arremessar e Billy não tivesse conseguido se adaptar. Ou talvez fosse apenas falta de sorte. A questão é: ninguém notou a queda. “Nunca olhei nenhuma estatística de Billy”, admite um dos olheiros. “Nem me passaria pela cabeça. Ele era um cara com todas as cinco habilidades do esporte. Tinha tudo.” Roger Jongewaard, o olheiro-chefe do Mets, diz: “Entenda uma coisa: não olhamos só o desempenho. Olhamos o talento.” Mas, no caso de Billy, o talento era um disfarce. As coisas corriam tão bem com ele, e com tanta frequência, que nunca ninguém precisava se preocupar com seu desempenho quando elas iam mal. Mas Blalock se preocupava. O treinador convivia com aquilo. Quando falhava, Billy ia atrás de alguma coisa para quebrar. Certa vez, depois de ser eliminado por strikes, ele bateu seu bastão de alumínio numa parede com tamanha violência que o taco se entortou num ângulo reto. Na vez seguinte em que voltou a rebater,

ainda estava tão furioso consigo mesmo que insistiu em usar o bastão torto. Em outra ocasião, teve um acesso de raiva tão grande que Blalock o tirou de campo. “Tem uns caras que, quando são eliminados por strikes e voltam para o banco, todos os outros se afastam e vão para a outra ponta”, conta Blalock. “Billy era assim.”

Quando as coisas não davam certo para Billy em campo, erguia-se um muro entre ele e seu talento, e ele não conhecia outra forma de atravessar esse muro a não ser tentando abrir uma passagem à força. Não era como se ele apenas não gostasse de errar, era como se não soubesse como errar.

Os olheiros nunca levaram isso em consideração. No fim do último ano de Billy, a única dúvida que tinham a seu respeito era: vou conseguir contratá-lo? E, à medida que o recrutamento de 1980 das grandes ligas se aproximava, começaram a achar que não. O primeiro sinal negativo foi o olheiro-chefe do New York Mets, Roger Jongewaard, mostrar um interesse incomum por Billy. O Mets tinha a primeira escolha geral no recrutamento de 1980, e por isso poderia ficar com Billy. Corria o boato de que o time havia reduzido sua lista de finalistas a dois jogadores, Billy e Darryl Strawberry, que cursava o ensino médio em Los Angeles. Também havia rumores de que Jongewaard preferia Billy. (Não era o único.) “Existem caras bons e existem caras premium”, explica Jongewaard. “E Billy era superpremium. Tinha o tamanho, a velocidade, o braço, o pacote completo. Praticava outros esportes. Era um verdadeiro atleta. E, o melhor de tudo, tirava boas notas na escola e saía com todas as garotas mais bonitas. Era charmoso. Podia ter sido o que quisesse.”

O outro sinal negativo era Billy continuar dizendo que não queria entrar no esporte profissional. Queria ir para a faculdade. Mais especificamente, queria entrar na Universidade de Stanford com uma bolsa mista de beisebol e futebol americano. No mínimo, interessava-se pelos estudos tanto quanto pelo esporte. O recrutador de beisebol da Universidade do Sul da Califórnia tentara convencê-lo a desistir de Stanford. “Vão obrigá-lo a dedicar uma semana inteira aos exames finais”, disse ele. Ao que Billy respondeu: “Bom, é essa a

ideia, não?" Alguns olheiros tentaram explicar que Billy, na verdade, não jogava futebol americano — deixara o time depois do primeiro ano do ensino médio, para evitar contusões que poderiam prejudicar sua carreira no beisebol. Stanford não se importou. A universidade estava atrás de um quarterback para herdar a vaga de seu astro atual, um aluno do segundo ano chamado John Elway. O time de beisebol não tinha o mesmo peso do de futebol americano junto ao departamento administrativo de Stanford, e, por isso, o técnico de beisebol pediu ao treinador de futebol americano para dar uma olhada em Billy. Algumas horas no campo de treinamento e o técnico de futebol aprovou Billy Beane como o cara a assumir quando John Elway saísse. Billy só precisava tirar um B em matemática. O departamento atlético de Stanford cuidaria do resto. E cuidou.

No dia do recrutamento, todos os olheiros das grandes ligas praticamente já tinham descartado Billy, achando que seria impossível obtê-lo. "Billy afastou muita gente", lembra o olheiro Paul Weaver. "Ninguém achava que ele assinaria contrato." Seria loucura um time desperdiçar sua primeira escolha com um garoto que não queria jogar.

O único que não recuou foi Roger Jongewaard. No recrutamento de 1980, o Mets podia escolher três nomes na primeira rodada, por isso Jongewaard imaginou que os dirigentes poderiam se dispor a arriscar com um nome que talvez não fechasse contrato. E havia mais uma coisa. Nos meses que antecederam o recrutamento, os dirigentes do Mets tinham aceitado participar de uma experiência estranha. A revista *Sports Illustrated* pedira autorização ao gerente geral do time, Frank Cashen, para que um de seus repórteres acompanhasse o Mets na decisão do primeiro jogador a ser escolhido no país. O Mets mostrara à revista sua curta lista de finalistas, e a publicação dissera que, jornalisticamente, seria conveniente que o time escolhesse Darryl Strawberry.

Strawberry daria uma matéria e tanto: um moleque pobre do centro decadente de Los Angeles que não sabia que estava prestes a se tornar rico e famoso. Jongewaard preferia Billy e foi contrário a que o clube autorizasse o envolvimento da revista, pois, como declarou

mais tarde, “criaríamos um monstro. Isso iria nos custar um dinheiro”. O clube passou por cima dele. A diretoria do Mets achou que as vantagens da publicidade nacional compensariam os custos de elevar as pretensões salariais de Darryl Strawberry ou mesmo de escolher o cara errado. O time ficou com Strawberry como primeira escolha e lhe pagou um bônus de contratação de 210 mil dólares, o que na época era uma quantia fabulosa. O Blue Jays ficou com Garry Harris na segunda escolha. Darnell Coles foi para o Mariners na sexta escolha e Cecil Espy para o White Sox na oitava. Em sua segunda escolha de primeira rodada, a 23ª geral, o Mets deixou que Roger Jongewaard fizesse o que queria, e ele escolheu Billy Beane.

Jongewaard já tinha visto rapazes dizerem que iam para a faculdade e depois mudarem de ideia na hora em que viam o dinheiro. No entanto, nas semanas que se seguiram ao recrutamento, ele tinha posto 100 mil dólares na frente dos pais de Billy e isso não contribuiu em nada para melhorar o tom da conversa. Começou a achar que Billy estava falando sério. Para o desgosto da mãe do garoto, que estava decidida quanto à ida do filho para Stanford, o olheiro se plantou na casa dos Beane. Também não funcionou. “Eu não estava conseguindo o clima que queria”, comenta agora Jongewaard. “E então levei Billy para ver o grande clube.”

Era 1980. A família Beane era da classe média militar. Billy tinha saído pouquíssimas vezes de San Diego e jamais fora a Nova York. Para ele, o New York Mets era mais uma ideia remota do que uma equipe de beisebol. Entretanto, naquele verão, quando o Mets esteve em San Diego para enfrentar o Padres, Jongewaard levou Billy ao vestiário do time visitante. Lá, à sua espera, havia um uniforme da equipe com seu nome nas costas e um grupo de jogadores para recebê-lo: Lee Mazzilli, Mookie Wilson, Wally Backman. Os jogadores sabiam quem ele era, aproximaram-se e, brincando, falaram que precisavam dele, que se apressasse e fosse logo para as grandes ligas. Até o técnico do Mets, Joe Torre, mostrou interesse. “Acho que foi isso que animou Billy”, diz Jongewaard. “Ele conheceu o time das grandes ligas e pensou: posso jogar com esses caras.” Billy conta:

“Era um santuário fechado para tanta gente... E eu estava ali dentro. A coisa virou realidade.”

A decisão cabia a Billy. Mais ou menos um ano antes, seu pai mandou que ele se sentasse à mesa e o desafiou para uma queda de braço. O garoto achou aquilo estranho, um gesto nada típico do pai. Ele era intenso, porém nunca tinha sido fisicamente agressivo. Pai e filho disputaram: Billy ganhou. Depois disso, o pai lhe disse que, se ele era homem suficiente para vencer o pai na queda de braço, era homem suficiente para tomar as próprias decisões na vida. A proposta do Mets era a primeira grande decisão na vida de Billy. Ele informou a Roger Jongewaard que assinaria o contrato.

O que ocorreu em seguida foi esquisito. Anos depois, Billy não saberia bem se sonhara ou se tinha acontecido de verdade. Depois de dizer ao time que assinaria o contrato, mas antes de assiná-lo de fato, ele mudou de ideia. Quando contou ao pai que estava em dúvida e não sabia se queria ser jogador profissional, o pai retrucou: “Você tomou sua decisão, agora vai assinar.”

De todo modo, ele aceitou os 125 mil dólares oferecidos pelo Mets. Acalmou a mãe (e a própria consciência) dizendo a ela (e a si mesmo) que cursaria as disciplinas de Stanford entre as temporadas. A universidade não aceitou. Quando soube que Billy não jogaria por Stanford, o departamento de admissão informou-lhe que ele não seria mais bem-vindo nas salas de aula da universidade. “Prezada sra. Beane”, começava a carta do diretor de admissão de Stanford, Fred A. Hargadon, “estamos cancelando a matrícula de Billy (...) Desejamos a ele todo o sucesso, tanto em sua carreira profissional no beisebol quanto em seus planos para prosseguir com os estudos”.

Assim, de repente, uma vida inteira mudou. Um dia, Billy Beane podia ser qualquer coisa que quisesse; no dia seguinte, era apenas mais um jogador de beisebol das ligas menores e nem ao menos tinha muito dinheiro. Aconselhados por um amigo da família, os pais de Billy investiram os 125 mil dólares do bônus do filho na sociedade de uma imobiliária, que logo foi à falência. A mãe de Billy passou anos sem falar com Roger Jongewaard.

“No futuro, quando narrarem as histórias de nossa época, nenhum documento será mais primordial do que os livros de Michael Lewis.”

The Guardian

Como um dos times de menor orçamento do beisebol profissional americano conseguiu alcançar a marca de vinte vitórias consecutivas em uma temporada da Major League? Essa é a pergunta que levou Michael Lewis até Billy Beane, gerente geral do Oakland Athletics, que, diante de uma equipe desacreditada e quase sem recursos financeiros, implementou uma verdadeira revolução. Para isso, deixou de lado costumes arraigados do esporte e apoiou-se no conhecimento estatístico como forma de tirar o maior proveito possível dos atletas que podia comprar e combinar as habilidades deles para enfrentar os adversários.

Mais do que um livro de beisebol, *Moneyball* é um estudo brilhante sobre negócios e planejamento estratégico.

“O que é capaz de transformar um assunto como as estatísticas do beisebol num *thriller* que nem mesmo quem não curte livros ou beisebol conseguiria parar de ler? Resposta: pesquisa bem elaborada, raciocínio fora do comum, um bom senso de humor e talento. Ou seja, Michael Lewis.”

Tom Wolfe

“Um dos melhores livros sobre beisebol – e sobre negócios – já escrito. Merece um lugar no Hall da Fama.”

Forbes

“Michael Lewis é um dos maiores cronistas da atualidade.”

The Huffington Post

